

MIGUEIS, José Rodrigues — **Páscoa Feliz**, 3.^a ed. Lisboa, Estúdios Cor, 1965, 157 pp.

Sai a lume a edição definitiva, segundo expressão do autor, desta **Páscoa Feliz**. Novela intitulou-a J. R. M. e acreditamos não ser de todo procedente a denominação, pelo menos dentro da tradição literária portuguesa desde a primeira metade do século XIX. Alguns ingredientes como a unidade de ação (tudo gira em torno de apenas uma personagem, o sofrido Renato Lima), a análise psicológica em profundidade, quase em termos de psicanálise mesmo e a visão em extensão da vida humana (sem sacrificar a intensidade do drama), tudo isso nos demonstra que estamos diante de algo mais alentado, de um romance enfim. E romance com algumas característica mais comuns da obra literária de J.R.M.: o contraste entre o sublime e o grotesco e ainda entre o trágico e o cômico das situações humanas. O autor cria suas personagens, especialmente o protagonista Renato Lima no que elas apresentam de mais grandioso ou de mais ridículo. A história de **Páscoa Feliz** no aspecto de efabulação constituiu algo banal. Narra a vida de um homem cuja infância fôra infeliz, e que em certa altura entrega-se às orgias e aos prazeres, gastando tudo o que tinha e o que também não tinha. Vindo a roubar o próprio patrão, ao ser descoberto, num gesto de desespero e insensatez, assassina-o. É julgado e condenado. Na cena do julgamento é que tem início **Páscoa Feliz** que toma um sentido retrospectivo na narração dos acontecimentos em torno do protagonista. A obra apresenta a mesma técnica de um filme e o estilo cinemetográfico inicialmente impõe um tempo cronológico ao acompanhar a atualidade da vida do protagonista, para adquirir, pouco a pouco, maior densidade, dentro de um tempo de duração psicológica, no depoimento direto em primeira pessoa dos fatos em que envolve a personagem. **Páscoa Feliz**, como das primeiras incursões de J.R.M. no campo da ficção, analisada em alguns momentos da vida do protagonista, mostra-se obra de grande intensidade, mas tomada no todo não nos convence inteiramente. Por exemplo, não é bem explicado o fato de Renato Lima ter praticado um crime. Nada de mais grave e de mais verossímil o levou ao ato homicida, que constitui, aliás, o climax de **Páscoa Feliz**. Percebe-se assim duas facetas distintas na "novela": a primeira, o fato do ficcionista estar ensaiando os primeiros passos no campo da ficção; a segunda, a presença de momentos únicos e importantíssimos da vida de Renato Lima, reveladores do exato caráter a personagem e com isto a sugestão sutil de que J. R. M. iria realizar-se mais autenticamente nas narrativas curtas, na análise de um acontecimento da vida, no conto, enfim. A manutenção constante destes momentos grandiosos permitiria encontrar na "novela" algo de mais consistente. Esta continuidade, contudo, não se

observa em *Páscoa Feliz*, o que diminui um pouco o nível da obra. Disse-mos que o autor se realizará mais perfeitamente nos contos e realmente isto é confirmado por livros que aparecerão mais tarde, tais como *Leah*, *Gente da Terceira Classe* e especialmente “*Lembranças para Dona Genciana*”, misto de conto e de novela. Mas voltemos a *Páscoa Feliz*. J. R. M. centra o drama em tórno das vicissitudes e sofrimentos de Renato Lima, cuja infância sofrida e sem carinho, exceto com relação à mãe, vai projetar os problemas da vida de adulto. De certo modo a ação da personagem constitui um longo processo de fuga, no qual os desregramentos têm presença constante. Trata-se mesmo de uma tentativa de compensar tôda a vida difícil que teve o protagonista, Tal busca de compensação é que explica a indiferença para com o filho e a espôsa, que lhe proporcionavam a mediania da felicidade burguesa, despreocupada e fútil. A análise interior do protagonista, em tórno destes aspectos permite a J. R. M. incursionar por campos mais férteis, quase de ordem psicanalítica, especialmente na relação estabelecida entre a infância e a maturidade da criatura. Dentro dêste processo, o protagonista é apresentado em momentos de intensa emotividade, especialmente naqueles em que se acha em presença do filho ou que pressente as alucinações. Nestes casos, a dramaticidade adquire tons fortísimos, na colocação de um drama individual, oferecendo-nos assim um romance de personagem em tórno de Renato Lima. Através dêste, contudo, *Páscoa Feliz* tenta discutir alguns valores morais de um tipo de sociedade burguesa acanhada e atrasada onde tudo deve estar devidamente arrumado e catalogado, para que o burguês não necessite sair do seu marasmo para pensar e realizar algo diferente e mais significativo. A personagem Renato Lima rompe a ordem natural das coisas, para mostrar que há certos aspectos que ficam misteriosamente vedados àqueles indivíduos não reflexivos. Dentro desta perspectiva, na análise do drama J. R. M. mantém inicialmente um equilíbrio entre a realidade social e a humana particularizada em Renato Lima. À medida que o romance se desenvolve, no entretanto, êste último aspecto adquire maior relêvo, o que vai conduzir a um romance de personagem, como já lembramos. O protagonista se revela totalmente dentro do expediente mais próprio, qual seja o foco narrativo em primeira pessoa, afirmando profundamente o depoimento direto na narrativa. Avulta a figura de Renato Lima e esmaecem as outras, como sua espôsa e seu filho e ainda Nogueira. A retrospectção no romance permite a J. R. M. apontar os momentos mais dolorosos do protagonista, quando menino e que terão reflexão direta, ineludível e inevitável em Renato Lima adulto. Êste recalçou muitas coisas e as conseqüências do processo de compensação, levam-no à beira da loucura, a ponto de se tornar insensível ao crime que praticou. Não tem por isso remorso do ato infamante. A alienação mental assinala-se também pela perda total dos verdadeiros valores morais da vida. Num dêsses momentos de obnubilação mental é que assassina o patrão Nogueira que aliás o estimava bastante.

Páscoa Feliz se desenvolve assim, com sentimentos fortes e ações dramáticas, tendo como centro nevralgico a figura de Renato Lima. Este é um homem incomum, um criminoso consciente e sem remorsos e por

isso mesmo seu drama cresce. Ele pratica as ações e procura interpretá-las intelectualmente, racionalmente e ao afirmar-se tranqüilo depois da prática do crime, vislumbra-se o estado de semi-loucura. Esta limita-se com a exagerada lucidez da personagem na sua auto-análise, Estava tão fora de si no momento do crime que acredita ter sido outro e não êle o autor da morte de Nogueira. J. R. Ma. neste momento assinala um ponto positivo na elaboração da personagem, ao destacar que a criatura que pratica um ato de que nunca se julgou capaz, gera-se o processo de negação do ato. O assassinio de Nogueira explica-se assim, pelo desdobramento da personalidade do ser, que o lança a cometimentos inesperados. Daqui por diante precipitam-se as ações e a obra se encerra depois de um nobre encontro de Renato Lima com seu filho, significado maior de sua vida.

Concluindo, embora não tendo uma linha constante de alta dramaticidade, *Páscoa Feliz*, consegue ser uma obra válida, especialmente em alguns momentos mais expressivos do tipo burguês de Renato Lima e na análise do contexto social em que êle se insere. Igualmente alguns problemas profundamente humanos, como por exemplo, o intenso amor do protagonista para com o filho, nos parecem perfeitamente válido. Enfim, êste *Páscoa Feliz*, como observação da falsa estabilidade da família burguesa, merece a leitura e a reflexão e confirma a colocação de J. R.M. na primeira fila dos grandes ficcionistas em Portugal, na actualidade.

João Décio